Olinda

"Olinda não é uma cidade - é um jardim recheado de obras-primas."

Michel Parent, Consultor da UNESCO

O centro histórico de Olinda conserva o traçado urbano e a paisagem da vila fundada em 1535, por Duarte Coelho Pereira, quando os portugueses iniciaram a ocupação do Brasil.

1. Inscrição na Lista do Patrimônio Mundial

O conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Olinda foi inscrito no Livros de Tombo de Belas Artes, no Histórico e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 1968. Em 17 de dezembro de 1982, a cidade foi inscrita pela UNESCO na Lista do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.

2. Ocupação do Brasil

Olinda foi fundada em 1537 por Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatário da Capitania de Pernambuco. O nome da vila, conta a tradição, surgiu de uma expressão de encantamento de Coelho diante da paisagem avistada do alto das colinas: "Ó linda situação para se fundar uma villa".

Os portugueses escolheram o sítio para sediar o Governo, seguindo a tradição mediterrânea das cidades localizadas em elevações, como meio de defendê-las militarmente. Alguns quilômetros ao sul, na atual cidade do recife, localizou-se o porto.

O centro histórico de Olinda conserva, com muita fidelidade, a trama urbana, a paisagem e o sítio da vila fundada ainda na primeira metade do século XVI, quando os portugueses iniciaram a ocupação da terra descoberta em 1500.

O traçado urbano é informal, característico dos povoados portugueses de origem medieval, e tem seu encanto intensificado pela paisagem e pela localização. Nas elevações, todo o conjunto edificado está envolvido pela vegetação. Plantada nos logradouros, nos jardins e nos quintais, árvores frutíferas como coqueiros, mangueiras, jaqueiras, sapotizeiros e outras, dão ao sítio valor dominante de núcleo urbano imerso em massa verde, sob a luz tropical, tendo ao pé a praia e o oceano. O caráter próprio e diferenciado de Olinda está nessa ambiência paisagística, que a identifica ao longo de sua história.

3. O ciclo da cana de açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar transformou Olinda num dos mais importantes centros do Brasil Colonial. Com a conquista de Pernambuco pelos holandeses em 1630, a cidade foi incendiada e a capital transferida para Recife.

Tornando-se desde os últimos anos dos quinhentos e um dos núcleos mais importantes do ciclo da cana-de-açúcar, Olinda progrediu rapidamente, beneficiada pela alta cotação do produto no mercado internacional dos séculos XVI e XVII. Em 1612, centralizava a produção dos 99 engenhos de açúcar de Pernambuco, quando a bahia, sede do Governo Geral da Colônia, só contava 50.

O açúcar, que fez a riqueza de Olinda, motivou, também, a invasão holandesa. Em disputa do monopólio do produto, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais invadiu a vila e a ocupou militarmente, em 1630. Um ano depois, julgando-a de localização inadequada - não só por facilitar a reação portuguesa como por sua distância do porto - os holandeses a abandonaram e incendiaram, transferindo-se para o Recife. De suas ruínas, ficaram testemunhos admiráveis, como as telas de Frans Post (1612-1680), um dos primeiros artistas que registraram a paisagem tropical do Brasil.

Restaurado o domínio português em 1654, Olinda e Recife passaram a disputar a hegemonia política da Capitania. Os produtores de açúcar e as ordens religiosas empenharam-se em fazer retornar a administração para a antiga sede, em oposição aos grupos interessados no comércio marítimo, que favoreciam Recife. Os primeiros vencem a disputa e Olinda volta a sediar o Governo pernambucano. A reconstrução de Olinda foi realizada, de forma lenta, nos 100 anos seguintes.

Em 1676, Olinda tornou-se a cabeça do Bispado de Pernambuco e foi elevada à categoria de cidade. Surgem novas igrejas e as primitivas, construídas no início do século XVI, quase todas atingidas pelo incêndio de 1631, são restauradas.

Situada à beira-mar, a cidade acomoda-se sobre oito colinas interligadas, em seus topos, por ruas e ladeiras íngremes, e comunicando-se nas proximidades dos rios Capibaribe e Beberibe.

4. Traçado urbano

O casario colorido, característico do povoamento português colonial, e a imponência de suas igrejas brancas, destacam-se contra o verde intenso da vegetação tropical e o azul turmalina do mar. A brisa que movimenta os coqueirais banhados pela intensa luminosidade tropical, faz de Olinda um lugar inesquecível.

O traçado urbano é informal, característico dos povoados portugueses de origem medieval, e tem seu encanto intensificado pela paisagem e pela localização. Nas elevações, todo o conjunto edificado está envolvido pela vegetação. Plantada nos logradouros, nos jardins e nos quintais, árvores frutíferas como coqueiros, mangueiras, jaqueiras, sapotizeiros e outras, dão ao sítio valor dominante de núcleo urbano imerso em massa verde, sob a luz tropical, tendo ao pé a praia e o oceano. O caráter próprio e diferenciado de Olinda está nessa ambiência paisagística, que a identifica ao longo de sua história.

As ruas acompanham as cristas, as curvas de nível, ou sobem pelas encostas, por vezes pelas linhas de maior aclive. Elas se formaram e permanecem até hoje sinuosas, interligando as igrejas, os conventos e as principais edificações. Ora se definem a partir das fachadas das casas, que se estendem continuamente, ora são delimitadas pelos muros que cercam quintais e jardins, apresentando-se irregulares no traçado, em suas larguras e em seus cruzamentos.

Junto ao casario - singelo, em sua maioria, mas admiravelmente integrado ao conjunto - erguem-se igrejas notáveis, seja por seu valor arquitetônico, seja pela qualidade de seus elementos decorativos, como talhas de altares, pinturas, painéis de azulejos, etc. Essas edificações foram construídas a partir do século XVI pelas missões religiosas que ali se fixaram. A arquitetura civil residencial combina elementos do século XVII, com seus balcões de treliça, a outros, do XVIII e do XIX, com revestimentos de azulejos, e elementos neoclássicos do início do século atual.

As características da arquitetura popular olindense tornaram-se marcantes: manifestação da cultura herdada de Portugal e adaptada às condições brasileiras, adquiriram caráter próprio e continuidade no tempo. As alterações de formas e usos, que testemunham o processo evolutivo do conjunto, se fizeram sem o sacrifício da implantação urbana primitiva e da relação de integração paisagística.

A paisagem e a arte se reúnem admiravelmente em Olinda. A riqueza das 20 igrejas e conventos barrocos, notáveis por sua arquitetura e pela qualidade de seus elementos decorativos, soma-se ao singelo casario, com fachadas de azulejos e balcões de treliça.

5. Um lugar inesquecível

Olinda é uma jóia do Brasil. Nela se reúnem admiravelmente a paisagem marinha e a cidade de arte, com uma riqueza de 20 igrejas barrocas e um grande número de casas antigas pintadas em cores vivas. O que impressiona em Olinda é que a paisagem continua intacta.

A arquitetura surge dentre os esplendores da natureza tropical. O oceano aparece no fundo do quadro, por trás das torres e dos coqueiros. Entre as ruelas, vegetação tropical enche a colina.

6. Manifestações culturais

Do seu precioso acervo arquitetônico destacam-se: a Igreja da Sé, de 1537, a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia - 1540, a Igreja de São Francisco - 1577, o Mosteiro de São Bento - 1582 e o Museu de Arte Sacra, localizado no antigo Palácio Episcopal, de 1676.

Num país identificado pela religiosidade, festas e artes populares, Olinda se sobressai pela riqueza destas manifestações culturais.

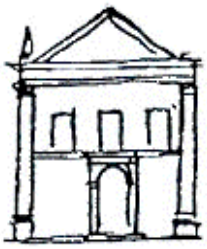
Olinda deve grande parte de seu encanto e de sua vitalidade cultural à sua população humilde que tem no turismo cultural uma fonte de suplementação da renda familiar. Profundamente enraizada à terra, sua gente tradicional reserva à cidade uma relação nativista amorosa. É o que torna compreensível não apenas o zelo com seus bens patrimoniais, mas a permanência de velhas tradições, como as procissões, o carnaval e o artesanato.

Num país identificado pela religiosidade, festa e arte populares, Olinda consegue sobressair-se exatamente pela riqueza de tais manifestações.

Praticado com devoção, o culto da religião católica continua a tradição colonial. Igrejas, capelas e passos mantêm a sua função original. Cidade do frevo, dos pastoris e do maracatu (danças populares do Nordeste brasileiro), da cerâmica no barro e da talha na madeira, a criatividade de seu povo ampliou o fascínio que a ambiência natural, urbana e arquitetônica sempre exerceu sobre os artistas.

Como os holandeses Frans Post e Albert Eckhout que, no século XVII, apaixonaram-se pela cidade e se sensibilizaram com a sua destruição, hoje poetas, músicos e artistas plásticos escolhem Olinda para viver, compartilhando com os artesãos e os criadores anônimos do povo um espaço de grande animação cultural.

7. Maiores Informações:



a) Localização:

Olinda fica a sete quilômetros da capital pernambucana e integra a Grande Recife.

b) Acesso:

Aeroporto Internacional do Recife.

c) Alojamento:

Consulte a INPETUR
Complexo Rodoviário de Salgadinho, sn
Centro de Convenções
Olinda - PE
CEP 53.111-970
Fone: (081) 241-9201
Fax: (081) 241-9011/241-9601

d) Maiores informações:

5ª Coordenação Regional do IPHAN
Rua Benfica, 1.150 - Madalena

Recife - PE
CEP 50.720-001
Fone: (081) 228-3011
Fax: (081) 228-3496

19ª Sub-Regional II do IPHAN
Igreja de Nossa Senhora do Carmo
Praça da Liberdade, sn - Carmo
Olinda - PE
CEP 53.120-000
Fone: (081) 429-2892

8. Principais monumentos:

- Igreja da Sé (1537)/igreja de três naves, catedral do Arcebispado de Olinda e Recife;
- Igreja da Graça (1552);
- Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1581)/a mais antiga igreja da Ordem Carmelita do Brasil, abre na festa de Nossa Senhora do Carmo, em julho;
- Igreja de Nossa Senhora das Neves (1577)/pertencente ao primeiro convento franciscano do Brasil;
- Igreja e Mosteiro de São Bento (1582)/sede da primeira de veterinária e agronomia de Pernambuco e dos primeiros cursos jurídicos do Brasil;
- Igreja de Nossa Senhora do Monte (1537)/considerada a mais antiga, nela funcionou o Convento dos Beneditinos;
- Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia (1540)/nela funcionou o terceiro hospital do Brasil e o primeiro manicômio de Pernambuco;
- Igreja e Convento de Nossa Senhora da Conceição (1569);
- Igreja de São João Batista dos Militares (século XIX);
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1655);
- Igreja de São Sebastião (1686);
- Igreja de Nosso Senhor do Bom Jesus do Bonfim (século XVII);
- Igreja de Nossa Senhora do Amparo (1613);
- Igreja de São Pedro Mártir (data ignorada);

- Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora (1807);
- Igreja de Nossa Senhora dos Milagres (século XIX);
- Convento de São Francisco (1585);
- Palácio dos Governadores (século XVII)/atual gabinete do Prefeito;
- Museu de Arte Contemporânea (século XVIII);
- Mercado da Ribeira (século XVII);
- Museu Regional/antiga residência episcopal (1746);
- Museu de Arte Sacra de Pernambuco/antigo Palácio Episcopal (1676);
- Sobrados Mouriscos (século XVII);
- Fortim de São Francisco (século XVII).